



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

Série Revolução Farroupilha

Ano 2003

Nº 16

CORPO DOS LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS Cláudio Moreira Bento

Em 1975, pesquisando para concorrer no Biênio da Colonização e da Imigração do Rio Grande do Sul com o livro **O negro na sociedade do Rio Grande do Sul**, que seria premiado com 1º lugar em Concurso Nacional, foi que deparamos com a existência dos Lanceiros Negros Farrapos assunto sobre o qual não existiam estudos mais aprofundados, bem como um silêncio sobre a presença da mulher nos campos de batalha, assuntos sobre os quais abordamos alguns casos no citado livro.

Em 20 de setembro de 1985, sesquicentenário da Revolução Farroupilha, focalizamos o assunto na edição histórica do **Diário Popular**, a nós confiada, ilustrada com 41 gravuras em 31 páginas. Edição cujo original, doado pelo **Diário Popular** à Biblioteca de Pelotas, fui informado não mais existir. Felizmente preservamos um exemplar e o reproduzimos para durar, em xerox.

Em 1988 participamos de Concurso Literário Tasso Fragoso promovido pela Biblioteca do Exército

sobre o tema O Exército e a Abolição. E fomos classificados em 1º lugar e o trabalho foi publicado na **Revista A Defesa Nacional** nº 743, Mai/Jun 1989 p.109/158 em 49 páginas, onde focalizamos a participação militar destacada do negro em nossas lutas internas e externas.

E com destaque os Lanceiros Negros farrapos, que foram libertados por inteligente artifício do Barão de Caxias que reproduzimos, para impedir que fossem enviados para o Rio de Janeiro como escravos estatais da Fazenda Imperial de Santa Cruz. E então Caxias os incorporou como livres à Cavalaria Ligeira do Exército Imperial no Rio Grande do Sul. Fato que consagrou a República Rio Grandense e o Barão de Caxias como pioneiros abolicionistas 43 anos antes da Lei Áurea. Tocamos no tema Lanceiros Negros em nosso livro **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.1992.2v.

Agora retomo ao assunto a propósito da mini-série da **Globo A**

Casa das sete mulheres, em que os lanceiros negros são abordados com mais destaque nestes 28 anos que decorreram da edição do nosso livro citado sobre **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**.

Retomo o tema mais ampliado, para atender a um grupo de jovens em Pelotas que ali pretendem, em 20 de setembro, num desfile tradicionalista, reverenciar a memória dos Lanceiros Negros farrapos e seu líder o Coronel Joaquim Teixeira Nunes. Desfile integrado por um grupo tradicionalista simbolizando os Lanceiros Negros e o seu intrépido comandante, e justo na região onde eles em maioria foram mobilizados. História e verdade e justiça!

A organização militar da República Rio-Grandense

Os farroupilhas possuíram um efetivo de 9.372 homens, assim repartidos:

- 4.296 homens de 1ª Linha
- 5.076 homens da Guarda Nacional

Este efetivo distribuía-se por diversos corpos, conforme quadro que publicamos em **O Negro e descendentes...** citado sob o título: Efetivo Total do Exército da República Rio-Grandense.

Organização dos corpos de lanceiros negros

Os dois corpos de lanceiros eram constituídos, basicamente, de negros livres ou de libertos pela República Rio-Grandense, enquadrados por valorosos oficiais brancos.

Possuíam 8 companhias a 51 homens cada, totalizando 426 lanceiros.

Tornou-se célebre o 1º Corpo de Lanceiros Negros organizado e instruído, inicialmente, pelo Coronel Joaquim Pedro Soares, antigo capitão do Exército Imperial, que se destacara nas guerras platinas e cujo perfil histórico abordamos em O Exército Farrapo e seus chefes, v.1, p.168/170. Era veterano da guerra de expulsão dos franceses de Portugal depois que mandado invadir por Napoleão.

Secundou o Coronel Joaquim Pedro, nesta tarefa, o Major Joaquim Teixeira Nunes, veterano e com ação destacada na Guerra da Cisplatina.

Este bravo, à frente deste Corpo de Lanceiros Negros, libertos, prestaria relevantes serviços militares à República Rio-Grandense.

O 1º Corpo foi recrutado, principalmente, entre os negros das charqueadas de Pelotas e do então município de Piratini (atuais Canguçu, Piratini, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Herval do Sul, Bagé, até o Piraí e parte de Arroio Grande).

Foram seus oficiais, entre outros:

Coronel Joaquim Pedro Soares
Coronel Joaquim Teixeira Nunes
Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira
Capitão Vicente Ferrer de Almeida
Cap Marcos d' Azambuja Cidade
1º Ten Antônio José Coritiba
2º Ten Caetano Gonçalves da Silva (filho de Bento Gonçalves)
2º Ten. Ezequiel Antônio da Silva
2º Ten. Antônio José Pereira

Teixeira Nunes, Caldeira e Vicente Ferrer foram ligados a Canguçu.

Teixeira Nunes nasceu próximo à atual cidade de Canguçu. Caldeira era da região de Vila Freire mas viveu

muitos anos na Florida em Canguçu e foi o biógrafo de Teixeira Nunes, conforme revelação de Oтелo Rosa, em **Vultos Farroupilhas**, ao basear-se em carta deste bravo, publicada pela **Revista do IHGRGS** – 1927.

Vicente Ferrer de Almeida, natural de Lavras, foi o primeiro funcionário público de Canguçu, por ocasião da instalação deste município, em 1857.

Caldeira foi fundador do primeiro Clube Republicano de Canguçu, na Florida e Iguatemi em 1884 e representou Canguçu em histórico encontro de republicanos em Porto Alegre .

Tenho para mim que foi inspirado em sua vida que J. Simões Lopes Neto criou o Blau Nunes seu interlocutor imaginário em **Contos Gauchescos**.

O Corpo de Lanceiros Negros em Campo do Menezes

O 1º Corpo de Lanceiros Negros, ao comando do Tenente - Coronel Joaquim Pedro Soares e sub-comandado pelo então Major Teixeira Nunes, teve atuação importante no combate de Seival, de 11 de setembro de 1836, em reforço à Brigada Liberal de Antônio Netto que surgiu por transformação do Corpo da Guarda Nacional de Piratini integrado por 2 esquadrões com 4 companhias, recrutados em Piratini e em seus distritos Canguçu, Cerrito e Bagé até o Piraí.

"Joaquim Pedro Soares... foi o organizador e instrutor do famoso 1º Corpo de Lanceiros Negros. As tropas para o combate de Seival foram dispostas por Joaquim Pedro, na qualidade de imediato e assessor militar de Antônio Netto.

Deixou um esquadrão em reserva que foi empregado em momento oportuno, decidindo a sorte da luta".

Segundo Souza Docca, coube a este bravo e a Manoel Lucas de Oliveira convencerem Antônio Netto da proclamação da República Rio-Grandense, bem como "a grande satisfação de ler, a 11, no Campo do Menezes, à frente da garbosa tropa por ele instruída, a Proclamação da República Rio-Grandense". Idéia de República que teria sido sugerida pelos cariocas majores João Manoel de Lima e Silva (tio de Caxias) e José Mariano de Mattos e que antes da Revolução comandavam as unidades de Infantaria e de Artilharia do Exército destacadas no Rio Grande do Sul e mais pelo filho de Diamantina José Domingos de Almeida.

Um depoimento de testemunha dos acontecimentos

"Em 6 de novembro de 1836, menos de dois meses após Seival, Teixeira Nunes era Major do Corpo de Lanceiros Negros, a esse tempo comandado pelo Ten Cel Joaquim Pedro Soares.

Assim fica evidente a grande contribuição do gaúcho negro e mulato para a vitória de Seival e para a proclamação da República Rio-Grandense, onde buscam inspiração as mais caras tradições políticas e militares do povo gaúcho. República que enformou no gaúcho histórico do Rio Grande do Sul duas características sociológicas excelsas: Firmeza e Doçura.

Recrutamento dos Lanceiros Negros

O Corpo de Lanceiros Negros era integrado por negros livres ou libertados pela Revolução e, após, pela República, com a condição de lutarem como soldados pela causa.

Recorde-se que Artigas havia usado o mesmo expediente. Os Lanceiros Negros, em sua grande maioria, foram recrutados entre os negros campeiros e domadores da atual Zona Sul do Estado bem como negros tropeiros das charqueadas e nestas funções amavam a liberdade, acostumados que estavam a movimentar-se dentro da amplidão dos horizontes da terra gaúcha nas lides pecuárias.

Armamento Individual

Excelentes combatentes de Cavalaria, entregavam-se ao combate com grande denodo, por saberem, como verdadeiros filhos da liberdade, que esta, para si, seus irmãos de cor e libertadores, estaria em jogo em cada combate.

Manejam como grande habilidade suas armas prediletas – as lanças.

Estas, por eles usadas mais longas do que o comum. Combinada esta característica, com instrução para o combate e disposição para a luta, foram usados como tropas de choque, uso hoje reservado às formações de blindados.

Por tudo isto infundiram grande terror aos adversários.

Rusticidade e obediência

Eram rústicos e disciplinados. Faziam a guerra à base de recursos locais. Comiam se houvesse alimento e dormiam em qualquer local, tendo como teto o firmamento do Rio

Grande do Sul e de Santa Catarina. A maioria montava a cavalo quase que em pêlo, à moda charrua.

Vestuário ou Uniforme

Seu vestuário era constituído de sandálias de couro cru, chiripá de pano grosseiro, um colete recobrimdo o tronco e na cabeça uma vincha vermelha símbolo de República.

Os Corpos de Lanceiros Negros conquistaram a Liberdade, lutando pela República Rio-Grandense nos campos de batalha. O Império respeitou suas liberdades pela cláusula IV da Paz de Ponche Verde. "São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram à República".

Cláusula respeitada por conta e risco pelo Barão de Caxias contrariando determinação superior de os recolher como escravos estatais para a Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro.

Caxias usou o seguinte expediente para não os enviar para o Rio. Considerou que eles haviam se apresentado livremente. E a seguir os libertou e os incorporou às 3 unidades de Cavalaria Ligeira do Exército Imperial no Rio Grande. E em Ponche Verde, D. Pedrito, foram acolhidos pelos coronéis Manoel Marques de Souza e Osório comandantes de duas unidades de Cavalaria.

Como esporas improvisavam uma forquilha de madeira presa ao pé com tiras de couro cru. Esta espora farroupilha acomodava-se ao calcanhar e possuía a ponta bem afiada.

Alguns poucos usavam calças, cartola e chilenas (esporas), como o imortalizado em pintura no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no **Atlas**

Histórico e Geográfico do MEC – 1996.

Eram armados também com adaga ou facão e, em certos casos, algumas armas de fogo em determinadas ocasiões.

Como lanceiros não fizeram uso de escudos de proteção, tão comuns na História Militar dos povos.

Os seus grosseiros ponchos de lã – bicharás, serviram-lhes de cama, cobertor e proteção do frio e da chuva.

Quando em combate a cavalo, enrolado no braço esquerdo, o poncho (bichará) servia-lhes para amortecer ou desviar um golpe de lança ou espada.

No corpo a corpo desmontado, servia para aparar ou desviar um golpe de adaga ou espada em cuja esgrima eram habilíssimos, em decorrência da prática continuada do jogo do talho, nome dado pelo gaúcho à esgrima simulada com faca, adaga ou facão.

Alguns poucos eram hábeis no uso das boleadeiras como arma de guerra, principalmente para abater o inimigo longe do alcance de sua lança, quer em fuga, quer manobrando para obter melhor posição tática.

Parte do 1º Corpo de Lanceiros Negros participou da expedição a Laguna, ao comando de Davi Canabarro, que teve como comandante de Vanguarda o Tenente - Coronel Joaquim Teixeira Nunes com seus Lanceiros Negros.

É bastante conhecido, na História da Revolução Farroupilha, o fato de que estes dois célebres, valorosos e intrépidos chefes e combatentes possuíam em suas forças Lanceiros negros.

A retirada dos farroupilhas de Laguna para o Rio Grande do Sul, através de Lajes e Vacaria, contou com a presença de Teixeira Nunes, Garibaldi, Rosseti e Anita e foi assegurada por muitos valorosos Lanceiros Negros.

Foi por certo lembrando Teixeira Nunes e seus bravos lanceiros negros, que o acompanharam na expedição a Laguna, que Garibaldi escreveu:

"Eu vi batalhas disputadas mas nunca e em nenhuma parte homens mais valentes nem lanceiros mais brilhantes do que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada dos povos."

Deve-se talvez a Garibaldi, no Museu de Bolonha, Itália, o quadro intitulado Farroupilha, que fixa e imortaliza um lanceiro negro da República Rio-Grandense.

Quando irrompeu a Revolução Farroupilha, no mesmo dia, em São Leopoldo, o Dr. Hillebrand lançou a seguinte proclamação:

"Convidado insistentemente pelo Presidente da Província, e autorizado pelo Juiz de Paz deste Distrito, passo a comunicar aos meus patrícios alemães que um partido pela maior parte composto de negros e índios, está ameaçando as autoridades desta Província."

Esta proclamação difundida na Alemanha, segundo Walter Spalding, deu a impressão de que a "Revolução Farroupilha era uma violenta rebelião de negros índios ou racial."

Lanceiros negros salvaram a Revolução

Na Surpresa de Porongos, em 14 de novembro de 1844, os Lanceiros Negros de Teixeira Nunes salvaram a Revolução Farroupilha de desastre total.

Pelo modo como combateram, salvaram Canabarro e grande parte das tropas e tornaram possível a negociação de uma paz honrosa como foi a de Ponche Verde, e a liberdade para todos os negros e mulatos que lutaram pela República Rio Grandense. Ao final do combate o campo de batalha de Porongos ficou juncado com 100 mortos farroupilhas.

Segundo descrição do historiador Canabarro Reichardt:

"Dentre eles 80 eram bravos Lanceiros negros de Teixeira Nunes".

Com a surpresa em Porongos, os farrapos, passados os primeiros momentos de estupor, recobram ânimo e se dispõem a morrer lutando. Teixeira, o Bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia o próprio Garibaldi, reuniu os seus lanceiros negros.

O 4º Regimento de Linha farrapo e alguns esquadrões desanimam quando os imperiais se multiplicam, e surgem de todos os pontos. Uma segunda carga imperial e mais impetuosa é também repelida. E este foi o sinal da debandada farrapa geral.

Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dando-lhes o exemplo. Nada os contém e o Exército Farrapo como por encanto, se dissolve, arrastando consigo ainda os que querem lutar.

Apenas alguns grupos mantêm-se resistindo e neles o combate se trava à arma branca. Tombam os lanceiros negros de Teixeira,

brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo".

Esta descrição do sacrifício dos Lanceiros Negros para salvar ao máximo o Exército, o ideário da República Rio-Grandense, é comovente e deve emocionar todo o filho do Rio Grande do Sul, justificando uma homenagem póstuma, ainda que tardia, do Governo e Povo do Rio Grande do Sul.

Seria de erigir na Praça da Matriz em Porto Alegre, o mais próximo possível dos palácios Piratini e Farroupilha, uma estátua ao **Lanceiro Negro Farroupilha**, ao gaúcho filho da Liberdade, por sua contribuição, como valoroso soldado, para a evolução social e política do Brasil, com reflexos na luta para a conquista dos objetivos de Democracia (República) e Paz Social. Zumbi dos Palmares custou mas já foi consagrado em estátua por sua luta pela liberdade de seus irmãos.

E o melhor e mais autêntico modelo seria o do quadro existente no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no Atlas Histórico e Geográfico do MEC e neste trabalho com outros detalhes históricos de alto significado simbólico.

Os Lanceiros Negros na última resistência farrapa

Em 28 de novembro de 1844, Teixeira Nunes e remanescentes de seu legendário Corpo de Lanceiros Negros travaram o último combate da Revolução em terras do Rio Grande do Sul, consta que em terras do atual município de Arroio Grande, berço do Visconde de Mauá.

A morte de Teixeira Nunes foi assim comunicada por Caxias, em ofício:

"Posso assegurar a V. Exa. que o Coronel Teixeira Nunes foi batido no campo de combate, deixando o campo, por espaço de duas léguas, juncando de cadáveres". Eram seguramente cadáveres de Lanceiros Negros.

Teixeira Nunes foi um dos maiores lanceiros de seu tempo, e como uma ironia do destino teria caído mortalmente ferido por uma lança manejada pelo braço vigoroso do Alferes Manduca Rodrigues. Segundo Dante de Laytano "sua morte foi sentidíssima".

Dos Lanceiros negros acreditamos tenham restado mais de 120, que após a paz de Ponche Verde foram mandados incorporar pelo Barão de Caxias aos três Regimentos de Cavalaria de Linha do Exército na Província.

Dentre em breve iriam lutar no Uruguai e na Argentina na Guerra contra Oribe e Rosas, pela Integridade e Soberania brasileiras no Sul, ameaçadas por caudilhos platinos.

Iconografia



Lanceiro Negro Farroupilha, segundo quadro existente no Museu de Bolonha, Itália. Representa um dos célebres lanceiros negros farroupilhas que acompanharam Garibaldi e Rossetti no retorno de Santa Catarina, após o malogro da República Juliana. Fonte: Atlas Histórico e Geográfico do MEC.



Legenda: Resistência épica a todo o custo dos Lanceiros Negros em Porongos.
Fonte: História do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: EME, 1972. V2, p. 478.
(Desenho de Y. Bento)

Fontes consultadas que remetem a outras fontes

BENTO, Cláudio Moreira. **A Grande Festa dos lanceiros**. Recife: UFPE, 1971.
(____). **Autoria dos símbolos do Rio Grande do Sul, subsídios para sua revisão histórica, tradicionalista e legal**. Recife: UFPE, 1971 (ensaio biográfico de Bernardo Pires, o simbolista farrapo).
(____). **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**. P. Alegre: IEL, 1975.
(____). Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. **Diário Popular**, Pelotas, 2 de setembro de 1985 (Edição Histórica a seu cargo).
(____). **Porto Alegre—memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**. Brasília: EGGCF, 1989.
(____). **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992.2v
DOCCA, Emílio Fernandes de Souza, Gen. **História do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Org.Simões, 1954. (obra póstuma).
FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do RGS 1503-1960**. Porto Alegre: Ed.Globo, 1960.
LAYTANO, Dante de. **O Negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1937.
LOPES NETO, João Simões. **Síntese histórica de Canguçu**. Revista do Centenário de Pelotas, nº 4, 1912 .
O POVO, (Quadro de Organização do Exército Farrapo) p.21/22.
Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis (lecaminha@gmail.com)
2º Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara.